

1.1 - D

UM DEBATE SOBRE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

METODOLOGIA E MATERIAL DIDÁTICO

Texto do Iº Seminário de Análise
de Metodologia e Material Didático
promovido pelo CEDI
em outubro de 1983,
com o apoio do CNPQ.

CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação
São Paulo - 1984

CEDI

Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98 fundos
Telefone 205-5197
22241 - Rio de Janeiro - RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone 66-7273
01238 - São Paulo - SP

Conselho Editorial:

Aloizio Mercadante Oliva, Jether Pereira Ramalho,
José Oscar Beozzo, Rubem Alves, Zwinglio Mota Dias

Este caderno foi produzido pela equipe do programa
"Educação e Escolarização Popular" do Cedi:

Regina Hara, Rita de Cássia Espinosa, Sérgio Haddad,
Sonali Bertuol, Vera Masagão Ribeiro.

Diagramação:

Sérgio Alli

Datilografia:

Maria Amélia Pereira de Souza

Impressão:

Fernando Ricardo Seixas

Pedidos de exemplares ao Cedi-São Paulo
Reprodução mediante autorização

Índice

Apresentação	7
1. <u>Círculo de Cultura e Conscientização</u>	13
O que motiva a discussão	14
O saber do grupo e a aquisição de novos saberes.....	19
A formação do monitor	22
Recolocando o sentido do Círculo de Cultura.....	30
Por onde passa o interesse do aluno.....	33
	1, 2, 3
2. <u>Palavras geradoras e dificuldades da língua</u>	39
Seleção e organização.....	44
O que é mais difícil de aprender?	48
	4, 5
3. <u>Metodologia Complementar</u>	55
Coordenação motora.....	56
Letra de imprensa e letra manuscrita	60
Fixação e revisão	63
O aspecto lúdico	68
Frases e textos	70
	6, 7
4. <u>Educação alternativa</u>	73
Linguagem popular e norma culta	74
Material didático	81
O papel do Estado	86

APRESENTAÇÃO

O programa de Educação Popular e Escolarização Popular do CEDI, pensando no pouco acúmulo e sistematização que tem se dado na área de alfabetização de adultos nos últimos anos, propôs um Seminário em que as pessoas que estão nessa prática pudessem se encontrar, trocar experiências e refletir sobre o conhecimento que essas atuações estão produzindo.

O projeto foi financiado pelo CNPq, o que permitiu, além da promoção do Seminário, a realização desta publicação.

COMO O SEMINÁRIO FOI CONSTRUÍDO

O CEDI entrou em contato com grupos que tinham trabalho já de algum tempo, com "começo, meio e fim", para poder analisar processos que tivessem chegado a alfabetizar e então avaliar em conjunto essas práticas e o material didático usado. Todos os trabalhos seguiam os princípios propostos por Paulo Freire.

Foi um encontro de poucas pessoas (oito experiências com dois representantes cada uma), para que se pudesse conversar em um clima de conhecimentos de todos e onde cada um tivesse oportunidade de falar e expor o seu trabalho do dia-a-dia, onde se refletisse o geral e o específico da prática de alfabetizar adultos.

A preparação de Seminário incluiu a coleta de material impresso, cartilhas ou fichas de alfabetização, e uma caracterização de cada trabalho a partir de um conjunto de questões enviado aos grupos. Esse material foi reproduzido e enviado aos grupos para que os participantes chegassem ao encontro com conhecimento do histórico de todas as experiências presentes e do material utilizado.

Além disso, os relatos escritos dos grupos permitiram o levantamento dos subtemas do Seminário, que partiram dos principais problemas que se mostravam na prática.

UM DOS RESULTADOS DO SEMINÁRIO

Durante o encontro pensou-se em como coletivizar o que havia sido discutido, os conhecimentos, os problemas, as soluções. E a idéia foi publicar a transcrição das falas dos três dias.

A equipe do CEDI arranhou as falas por temas e tentou conservar toda a expressividade e a força do coloquial.

Esta publicação coloca para monitores, assessores e interessados em alfabetização de adultos, o conjunto dos temas discutidos.

OS PARTICIPANTES

Os grupos e seus representantes no Seminário estão apresentados com uma pequena caracterização dos trabalhos.

O CEDI, enquanto equipe de organização do encontro, participou com Helena H. Meirelles, Regina Hara, Sérgio Haddad e Vera Masagão Ribeiro.

Grupo de Alfabetização Popular São José - Zona Sul de São Paulo - SP

A alfabetização surgiu no movimento de favela e das comunidades do setor Interlagos. Os monitores pertencem ao movimento e solicitaram assessoria ao IDAC (Instituto de Ação Cultural).

Os alfabetizandos são pedreiros, empregadas domésticas e ajudantes gerais (metalúrgicos).

O material didático é composto de fichas, slides, recortes de jornais e revistas. É feito pelos monitores, mas quem escolhe os temas são os alfabetizandos.

Estiveram no Seminário Wilson Joaquim Alves, coordenador do grupo de alfabetização, e Maria de Fátima O. Alves, monitora.

Grupo de Alfabetização do Centro Comunitário de Vila Remo-
Zona Sul de São Paulo - SP

O trabalho de alfabetização do Centro existe desde 1968, quando foi feita uma pesquisa nos bairros e a necessidade maior naquele momento era de saber ler e escrever. Atualmente atinge 6 bairros: Vila Remo, Parque Nova Santo Amaro, Jardim Planalto, Jardim Souza, Jardim Kagohara e Parque Santo Antonio. A média de idade é 35 anos. As profissões dos alfabetizados são: empregada doméstica, costureira, confeiteira, ajudante de cozinha, pedreiro, pintor, jardineiro, encanador e eletricitista.

Os monitores são do próprio bairro. O material é elaborado pelos coordenadores e monitores e consta de slides, cartazes, cartilha, flanelógrafo e Caderno de Cultura - Matemática do IDAC.

Participaram do Seminário os monitores: Jurandir José Santos e Raimundo Araújo Cantanhede (Xerife).

CEPIS - Equipe de Linguagem do Centro de Educação Popular
do Instituto "Sedes Sapientiae". - Zona Leste de São Paulo

SP

O trabalho de alfabetização iniciou-se em 1980 no setor de São Miguel, zona leste de São Paulo, a partir da solicitação dos moradores. Duas educadoras atuaram na área e em 1982 o material de alfabetização estava pronto. (*) A preocupação desde o início foi a formação de educadores de bairro, sem estudos específicos anteriores.

Os alfabetizados pertencem a grupos de bairro, com as seguintes profissões: ajudante de pedreiro, prensista, moldador, ajudante de fábrica, marceneiro, costureira, empregadas domésticas, donas de casa. E um aposentado. A média de idade é de 37 anos.

Estiveram no Seminário Irmã Yolanda Setúbal, assessora do CEPIS nos trabalhos dessa região e Maria Aparécida Rodrigues, monitora responsável pela alfabetização no bairro Jardim Castelo.

(*) São fichas de palavras geradoras com exercícios e slides.

Grupos de Alfabetização da Favela da Rocinha - Rio de Janeiro - RJ

Os trabalhos de alfabetização na favela da Rocinha acontecem em três grupos: Centro Comunitário da ASPA (Ação Social Padre Anchieta), Centro Comunitário da Rua 2 e o Centro Comunitário da Rua 4.

A escola da Aspa funciona desde 1976. É dividida em 1º ano fraco e 1º ano forte. Os alunos são migrantes na sua maioria, a idade varia de 13 a 50 anos. Os alfabetizandos trabalham em áreas próximas à favela como copeiras, diaristas, empregadas domésticas, cozinheiros, jardineiros, sapateiros, costureiras e em biscates diversos; algumas mulheres são donas de casa.

O material básico é o quadro negro e fotos para ilustrar as palavras geradoras. O curso inclui também matemática.

Maria Carmem Jacob de Souza participou do Seminário como assessora dos trabalhos de alfabetização na Rocinha.

Alfabetização de Adultos na Paróquia Santa Cruz de Copacabana - Zona Sul - Rio de Janeiro - RJ

A experiência relatada iniciou-se em 1981, embora a escola exista desde a década de 60.

A população atendida é de empregados domésticos, porteiros e biscateiros.

Marco Morel, monitor, esteve no Seminário. O material didático são fichas com as palavras geradoras, quadro de descoberta e exercícios.

ADS (Área de Desenvolvimento Social da Florestal Acesita)MG

Os trabalhos de alfabetização começaram a partir da reivindicação dos funcionários de uma das vilas da Florestal Acesita (empresa de reflorestamento). Atinge comunidades urbanas do Jequitinhonha e comunidades rurais do vale do Rio Doce, num total de oito turmas.

A maioria dos alfabetizandos são trabalhadores da reflorestadora: ajudantes, carvoeiros, machadeiros, operadores de motosserra

e donas de casa.

A Área de Desenvolvimento Social escolheu os monitores, preparou e deu treinamento e junto com eles elaborou o material.

O material consta de gravuras de revistas, objetos reais (das palavras geradoras), jogos de "cartas silábicas", material concreto (palitos de fósforo, tampinhas) e fotos (sobretudo para ajudar os debates sobre cultura e das palavras geradoras).

Dimas Barreiro Furtado esteve no Seminário como assessor desse trabalho.

Projeto Cultural de Ibitité - Grande Belo Horizonte - MG

A alfabetização surgiu de um trabalho mais geral que a Federação das Associações Comunitárias de Ibitité através de um projeto da Secretaria de Cultura do Mec (Integração entre Educação Básica e Diferentes Contextos Culturais) implantou na região.

O grupo de monitores recebeu treinamento coordenado por Dimas B. Furtado que continua assessorando o trabalho e esteve no Seminário, juntamente com Ana Maria de Oliveira, monitora.

O material é composto de cartazes, gravuras, fotos, quebra-cabeça (fichinhas dos fonemas), filmes. Está sendo produzida uma cartilha composta de fichas de descoberta, ilustração, palavras e frases criadas pelos alfabetizandos e exercícios de fixação.

Os monitores são da própria comunidade. Os alfabetizandos têm idade que varia de 15 a 70 anos e são na maioria horticultores, motoristas, industriários, pedreiros, vendedores ambulantes, serventes, domésticas, aposentados. O trabalho se iniciou em quatro bairros: Barreirinho, Lago Azul, Nossa Senhora de Fátima e Jardim das Rosas.

Projeto Seringueiro (CEDOP) - Xapuri - Acre

A alfabetização surge como necessidade dos seringueiros dentro de seu movimento de instalação de cooperativas e de luta pela posse da terra. Atualmente são cinco escolas no município de Xapuri, que funcionam nos fins de semana. Participam os seringueiros e suas famílias. Os monitores são seringueiros já alfabetizados antes da instalação das escolas.

O conjunto Poronga (caderno de Português, caderno de Matemática e caderno do Monitor) foi elaborado pelo CEDOP (Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia) e pelo CEDI.

Participaram do seminário Sonali Bertuol (CEDI) e Eloísa Winter Nascimento como representante do Projeto Seringueiro.

1. Círculo de Cultura e Conscientização

Atualmente, é difícil pensar a questão da alfabetização de adultos, dentro de uma perspectiva de educação popular, sem que se tenha como referência, direta ou indireta, o pensamento de Paulo Freire. A partir de uma concepção renovadora do que seria a educação popular no processo político que vivia o Brasil no início dos anos 60, Paulo Freire elaborou e experimentou um método em que o aprendizado da leitura e escrita se inserisse num processo mais amplo de reflexão e tomada de consciência, por parte das camadas populares, da realidade de seu tempo e espaço e de seu papel de agentes críticos no processo de transformação social.

Em seu livro Educação como Prática da Liberdade, de 1965, Paulo Freire descreve seu método de forma sucinta, acentuando as formas de garantir que a alfabetização, a partir de conteúdos pertinentes à realidade vivenciada, possibilitasse ao educando ser sujeito de sua aprendizagem e se transformar em indivíduo crítico, capaz de decidir e participar. O método propõe que, a partir de cada palavra geradora acompanhada de imagens que a representem, se estabeleçam debates que permitam uma reflexão sobre aspectos significativos da realidade dos educandos e uma ampliação crítica de sua concepção de homem e sociedade.

No apêndice dessa obra, são apresentadas 10 pranchas com desenhos que representam situações a partir das quais se poderia orientar uma discussão abordando o conceito antropológico de cultura. Essa discussão aconteceria antes que se iniciasse o trabalho de leitura e escrita propriamente dito. Paulo Freire acreditava que os grupos de alfabetização deveriam ser mais do que isso e os chamou Círculos de Cultura.

Muitas vezes, durante os debates, dizemos círculo de cultura nos referindo especificamente aos momentos dedicados à discussão das palavras geradoras ou das fichas de cultura iguais ou baseadas nas do apêndice.

Discutimos como essas propostas, 20 anos depois, têm se colocado nas diversas práticas em diferentes realidades. Muita coisa foi adaptada, modificada, repensada...

O QUE MOTIVA A DISCUSSÃO

Dimas: Quando iniciamos o nosso trabalho de alfabetização, resolvemos fazê-lo do jeitinho que o Paulo Freire falou, pra ver se depois conseguíamos reinventar. Eu não entendia nada desse negócio, me sentia até meio pretencioso, por isso é que iniciamos tentando entender direitinho qual era a proposta dele.

A primeira dificuldade que a gente encontrou foi a de começar o trabalho pelo debate das fichas de cultura. Os educandos mostravam muita ansiedade em começar logo a ler e escrever, e eu acho essa ansiedade muito válida, vieram querendo aprender e lorota eles não aceitam muito. A nossa proposta para resolver esse problema foi não começar pelo debate das fichas de cultura, começávamos já pelo estudo das palavras. Seguíamos o esquema normal, debatíamos a palavra e depois passávamos ao estudo das sílabas. Ainda assim, eu insistia para que os monitores tentassem perceber se o grupo queria conversar sobre a palavra, senão passavam direto para a leitura e escrita. O debate sobre as fichas de cultura passamos a fazer só depois da segunda ou terceira palavra e acho que assim passou a funcionar melhor.

A gente fez outras modificações também: as fichas de cultura ficavam um pouco artificiais, nem sempre os monitores conseguiam acompanhar o raciocínio que o Paulo Freire propunha desenvolver através delas. A minha primeira tentativa foi utilizar as fichas tal qual elas aparecem no livro Educação como Prática da Liberdade e propor um esquema de doze ou treze tópicos que dirigisse a discussão: a natureza do jeito que ela está, a natureza transformada pelo homem através do trabalho, o homem trabalhando em grupo, depois se divertindo, rezando, tudo em grupo. Agora, esse esquema também não funciona bem.

O que tem funcionado é fazer o debate a partir

de fotografias da própria região. A gente ordenou uma série de fotografias de um jeito que possibilitasse acompanhar o mesmo raciocínio que as fichas de cultura do Paulo Freire propunham. Primeiro apresentamos uma foto de floresta nativa; depois apresentamos outra onde aparecem duas coisas: uma vereda onde há muito pouca ação do homem, e ao fundo um reflorestamento, uma floresta homogênea de eucalipto. Daí vinha uma terra preparada para plantar, um milharal, cenas do pessoal trabalhando junto, uma turma dançando, homens, mulheres e assim por diante

Há outras formas de trabalhar com o círculo de cultura. Em Ibirité não usamos fotos, usamos filmes como instrumento para o debate. Eles projetaram no início do curso, o filme Oxente, pois não, sobre uma comunidade nordestina, e valeu para um debate sobre cultura.

Ana: No início fazíamos esses debates uma vez por semana, depois de um mês, passou a ser de 15 em 15 dias.

Jurandir: A gente usa slides; para a discussão de cada palavra geradora, reunimos algumas fotos a respeito e projetamos. Para a palavra fome, usamos slides dos saques que ocorreram lá na região sul. Inclusive, num dos slides aparecia uma pessoa parecida com um aluno de uma das classes, e o cara dizia: "Não, eu não fui lá! Eu fui trabalhar nesse dia!" Deu uma boa discussão.

Ana: Outro recurso que a gente usou foi o teatro. No dia da apresentação da palavra enxada o pessoal fez o teatrinho de uma família trabalhando na horta. Um era o pai, outro era a mãe, o resto eram os filhos, tinha gente de 20 anos com filho de 65. Foi legal, todo mundo com a enxada, fazendo de conta que estava capinando e conversando sobre os problemas da vida, conversaram sobre custo de vida, sobre o trabalho de horta que não

A gente ordenou uma série de fotografias da própria região acompanhando o mesmo raciocínio que as fichas do Paulo Freire propunham.

...usamos filmes como instrumento para o debate.

Para a palavra fome, usamos slides dos saques que ocorreram na zona sul.

estava dando para manter a família. No final, um moço decidiu tentar outro serviço, serviço de firma, porque horta não estava dando.

Carmem: Foi você que introduziu a idéia e o pessoal to pou numa boa?

... a gente
podia montar
um teatrinho
sobre qualquer
palavra.

Ana: Foi um moço que mexe com teatro lá na cidade que nos deu essa idéia. Ele participou da nossa reunião e deu a idéia de que a gente podia montar um teatrinho so bre qualquer palavra. A gente aproveitou para fazer esta experiência e deu certo, todo mundo achou legal.

O que falta
para o pessoal
é a certeza de
que eles já
têm uma
leitura, eles
lêem o mundo.

Yolanda: Eu trabalhei com grupos de alfabetização direta mente durante dois anos. Desde o começo eu não me sen tia à vontade com aquela história de círculo de cultura, especificamente com aquela parte inicial proposta por Paulo Freire lá em 1965, no Educação como Prática da Li berdade; eu não me convencia muito de que esse fosse o caminho. Refletindo um pouco, eu decidi iniciar de uma outra forma, porque eu acho que o que mais falta para o pessoal é a certeza de que eles já têm uma leitura. Eles não têm uma leitura gráfica, mas eles já têm uma leitu ra do mundo. Os outros conceitos eles iriam aprendendo durante o trabalho de alfabetização. Então, a gente bo lou uma história que tem dado certo, apesar de que, há muita coisa para ser revista. A gente tirou uma sequên- cia de slides; como o pessoal é migrante do Nordeste, de Minas e do interior de São Paulo, iniciamos com cenas ru rais, depois focalizamos a chegada em São Paulo e o lu- gar onde eles moram, que é uma periferia bem dura. A par tir daí a gente pergunta: "O que vocês estão vendo?", um pouco para educar a visão, o saber enxergar as coisas. Depois perguntamos: "O que vocês estão lendo?", e aí re- almente fica muito interessante porque cada um deles, a partir daquelas fotos, lê alguma coisa, lê coisas dife rentes e lê coisas verdadeiras. A gente faz esse traba-

lho durante uma semana mais ou menos; são duas ou três fotos por vez porque eles se demoram muito nos comentários. Durante o resto do tempo, a gente trabalha um pouco de coordenação motora. Durante essa etapa, a gente reforça muito essa idéia: "Então nós já estamos lendo, a gente já lê o mundo, já entende o que está acontecendo. Então falta ler os sinais gráficos, as letras, esses rabiscos que a gente faz". Isso dá aos educandos uma insegurança muito grande porque eles compreendem que apesar de serem analfabetos, eles têm uma leitura, têm experiências que podem trazer. Por exemplo, muitas coisas do campo eu não conheço e eles têm que me ensinar para eu aprender. A gente tem que valorizar isso ao máximo, porque grande parte da dificuldade deles aprenderem vem do fato deles não acreditarem que são capazes de aprender. Ao mesmo tempo, esse tipo de conversa cria uma abertura para cada um se colocar no grupo falando do passado, dos problemas pessoais vividos: "Esse aqui sou eu, eu sei o que é viver num rancho de palha." É essa segurança e essa abertura que abrem o caminho para uma visão mais clara de classe, de dominação, de exploração. Depois, esses conceitos vão ser trabalhados ao longo da alfabetização, diluídos nas discussões de todas as palavras. Por exemplo, quando se trabalha a palavra panela a gente discute: "A panela tá cheia?", "A panela tá vazia?", "Como está nossa situação?", "Quem tem a panela cheia?" Pouco a pouco eles vão entendendo o que é classe, o que é exploração. Fazemos isso também através de textos que vamos compondo, muitos deles são resumos das coisas que a gente discutiu anteriormente.

Assim, até o final da alfabetização, a gente trabalha para que essas idéias fiquem claras. Percebemos que há coisas elementares que eles não sabiam e foram descobrindo. Por exemplo, outro dia eu fiquei espantada com um grupo que comentou o seguinte "É lógico que os ricos são mais numerosos que os pobres". Eu disse: "Mas por que é lógico?" "Ah, porque se não fosse assim, eles não pisavam na gente como eles pisam..."

Grande parte da dificuldade de aprender vem do fato deles não acreditarem que são capazes.

"Mas será que é isso mesmo?" Aí uma delas, que é empregada doméstica disse: "Eu acho que não é. A minha patroa me mandou embora e me disse que na esquina arrumava outra". De repente, apareceu uma coisa elementar que a gente não tinha lembrado de colocar: os números, a proporção entre pobres e ricos.

A visão crítica se desenvolve à medida que as coisas vão acontecendo. É o real que conscientiza.

Desse modo, a visão crítica se desenvolve nos educandos à medida que o tempo vai correndo, e principalmente à medida que as coisas vão acontecendo. Parece-me que essa história de conscientização não é a pessoa entender uma coisa intelectualmente a partir de um discurso. É o real que conscientiza. A crise atual desenvolveu no povo uma consciência que muitas palavras, muitos discursos não desenvolveram. É para isso que a gente deve estar atento, deve ser uma espécie de sentinela para perceber como se apresenta o real, quando a crise e o conflito aparecem. Como nós estamos junto dos educandos o tempo todo, podemos perceber em que momento o conflito aparece. Isso é muito importante, porque eles têm muitos elementos para, num momento de crise, simplesmente se adaptarem a uma nova situação que é pior para eles. Aí é que devemos levantar alguns elementos que sejam de resistência, essa resistência que existe no povo mas que é muito camuflada ou que às vezes aparece de uma maneira que a gente tem dificuldade de descobrir.

Vera: Quando você colocou o trabalho de discussão a partir dos slides, me pareceu que vocês marcavam uma diferença entre "O que vocês estão vendo?" e "O que vocês estão lendo?". Como é isso exatamente?

A leitura exige atenção para coisas miúdas.

Yolanda: A gente pode não se dar conta disso porque aprendeu de pequeno, mas a leitura exige uma atenção para coisas miúdas. A gente percebe que em muitos casos não existe no adulto analfabeto uma educação para enxergar o detalhe, como também para escutar o debate. A gen

te escolhe fotos bem ricas em elementos e realmente insiste para que digam tudo que estão vendo. A segunda parte é "Então nós vamos ler", então eles começam a interpretar aquela realidade, a compreender situações nas quais eles não pensavam muito, simplesmente iam vivendo. Há um slide muito bom de uma feira no interior, a partir dele eles lêem coisas assim: "Ah, no interior é diferente, a gente conversa com as pessoas, a gente tem tempo. Aqui em São Paulo não conhecemos ninguém, vive tudo isolado. A gente foi iludido, a gente achava que em São Paulo ganhava dinheiro".

O SABER DO GRUPO E A AQUISIÇÃO DE NOVOS SABERES.

Dimas: Essa história da leitura que o pessoal já tem apesar de ser analfabeto é algo que procuramos reforçar desde o início. A gente fazia a pergunta: "O que é que o povo já sabe?" Muitas vezes a resposta era: "Não sa bem nada, pois são analfabetos". Então a gente insistia: "Será que não sabem mesmo? Não sabem plantar? Não sabem outras coisas?" Eles logo descobriam embasbacados: "Pois não é que eles sabem muitas coisas?" Basta só um toque para eles compreenderem a existência de um saber popular, o que existe é só uma barreira: a miopia da visão muito preconceituosa em relação ao povo.

"O que é que
o povo sabe?
Nada, são
analfabetos"

Yolanda: Pois é, isso porque o que o povo sabe nunca foi considerado saber, se eles passam a considerar, já é um grande salto.

Carmem: No meu modo de ver, a característica mais forte da ideologia é a obrigação de se pensar a realidade de uma determinada forma. Você não pensa a realidade a partir da sua própria inserção social, o pensar da ideologia já está mais ou menos dado, você tem que fazer força para encaixá-lo na sua vida. Por isso, quando você questiona a coisa a partir da sua realidade, há uma

percepção mais clara do processo social.

Eloísa: A consciência do seu próprio saber, o seringueiro tem muita e a partir de uma contraposição com a gente que é da cidade. Quando a gente vai para o mato, é a maior gozação porque nem saber andar a gente sabe, volta e meia dá tropeção, dá topada em pedaço de pau. Somos como retardados dentro do mato, o seringueiro tem que nos buscar e nos trazer senão a gente logo se perde entrando no varadouro errado. Eles fazem muito esse tipo de comparação: o seringueiro é o capiau na cidade, o cara da cidade é o capiau na mata. Eles percebem muito bem que há coisas que eles sabem e coisas que eles não sabem.

O que a gente tem percebido é que a consciência do próprio saber e a leitura do seu mundo eles dominam muito bem. Usar o círculo de cultura para organizar as idéias que eles já têm sobre o mundo esvazia muito a discussão, ela fica meio chata, meio repetitiva. Se a gente pergunta o que significa a mata para o seringueiro, eles desfiam uma resposta como obrigação mas não se motivam muito. Agora, se a gente chega com um caso concreto, um caso acontecido num determinado seringal, isso é motivo para muita discussão. Eles são muito solidários entre si, sabem que se alguém bota a mão em qualquer parte da mata está botando em risco a sobrevivência do seringueiro enquanto tal. Eles já têm essa experiência onde o INCRA mexeu, quem era seringueiro deixou de ser. Qualquer ameaça à mata mobiliza seringueiros de muito longe, eles se reúnem, fazem um empate, impedem qualquer derrubada na área.

Regina: Você disse que o pessoal não se motiva muito para discutir sobre a mata, como é que é isso?

Eloísa: Eu acho que o grupo com o qual a gente trabalha é meio atípico nesse sentido. É um pessoal já muito mobilizado, tem um nível de consciência bom, eles trabalham junto ao sindicato e o sindicato de Xapuri é muito

A consciência do próprio saber e a leitura do seu mundo os seringueiros dominam muito bem.

forte. Discussões sobre o valor da mata, do empate, e do sindicato eles já fizeram por conta da pressão que eles vêm sofrendo com a entrada das grandes fazendas na região. Nos debates durante a alfabetização não adianta só organizar as coisas que eles já sabem, precisamos trazer elementos novos, informações de fora.

*Precisamos
trazer
elementos novos,
informações
de fora.*

Wilson: Realmente, você repetir uma discussão sobre o sindicato é muito monótono, mas me parece que no círculo de cultura a discussão tem que ser mais ampla, localizar o homem dentro de toda a sociedade e o que ele é capaz de fazer dentro dela.

Eloísa: É disso mesmo que a gente tem se dado conta. Por exemplo, percebemos que é importante trabalhar a identidade do seringueiro com outros trabalhadores. O seringueiro trabalha sozinho, é muito raro ele sair de dentro da mata e fica difícil ele ter uma compreensão do que seja o mundo lá fora. Eles têm muita solidariedade entre si, mas nenhuma compreensão da identidade de classe em relação a outros trabalhadores. O seringueiro é sempre contra o paulista, mas paulista para ele é tanto o grande fazendeiro que tomou a terra dele, como o pequeno colono. O colono também derruba a mata, derruba pouco mas a sua tendência é essa.

A gente está tentando trabalhar as palavras geradoras da seguinte maneira: na palavra mata discutir o porquê da identidade do seringueiro com a mata, do colono com a terra e por que o trabalhador da cidade não se identifica com trabalho nenhum. Na palavra comida, falar sobre a comida deles e dos outros. Na palavra morada, se pode usar inclusive fotografias, a casa do seringueiro, a casa do colono, os conjuntos habitacionais de Rio Branco. Até que nas últimas palavras, que são riqueza e governo, eles já tenham claras uma identidade de trabalhadores e uma contraposição de classes.

Quando os seringueiros iam fazer um empate eles quebravam o pau com os peões que estavam derrubando. No

próprio processo eles começaram a perceber que a briga não era com o peão, era com o fazendeiro, o mandatário.

Outra coisa que eu acho que é nossa função é levar informações, sistematizar, recortar notícias de jornal e reproduzir de forma mais simples, com alguns comentários.

A. FORMAÇÃO DO MONITOR

Nem sempre
temos
encontrado
monitores com
uma boa
compreensão da
sociedade
como um todo,
nem
da dimensão
política
do método
Paulo Freire.

Dimas: Pois é, mas o que eu acho difícil é que nem sempre temos encontrado monitores com uma boa compreensão da sociedade como um todo, nem mesmo da dimensão política do método de Paulo Freire. A idéia que eu tive para superar essa dificuldade foi aproveitar o curso preparatório dos monitores e fazer uma discussão nesse sentido. Eu escolho com bastante cuidado as palavras para explicar como funciona a nossa sociedade, como ela está dividida em classes dominantes e dominadas. Começo falando que o pensamento de cada pessoa tem muito do grupo ao qual ela pertence, para chegar à idéia de ideologia de classe. Em nenhum momento eu emprego o termo "ideologia", nem "classe", nem "dominante" nem "dominada". Mesmo assim o pessoal vai percebendo que existe uma ideologia das classes subalternas com características próprias, com uma autonomia criada pela própria classe, mas que está cheia de interferência da ideologia dominante. Isso tem funcionado bem, é um ponto de partida para os monitores perceberem coisas que antes não estavam percebendo.

Eloísa: Nossa primeira experiência de treinamento de monitores foi um pouco confusa, a gente não estava sabendo o que era um treinamento de monitores, ficou até meio assustado. Por conta disso estamos buscando novas formas para resolver a questão. Como as comunidades com as quais nós trabalhamos tinham já uma atuação política grande e alguma experiência de discussão, achamos

que seria fácil para eles entenderem o espírito do método. O que acabou acontecendo é que a maioria dos monitores era bem jovem, filhos de seringueiros, que tinham tido chance de frequentar alguma escola. Apenas dois ou três eram líderes sindicais, e esses sim já tinham uma noção da diferença entre a nossa proposta de escola e a escola tradicional e do que seria o círculo de cultura.

Assim tivemos que partir de uma discussão sobre o que significava a escola, foi feito assim: apresentamos um VT de outras experiências de educação popular, falamos sobre o método Paulo Freire, a questão da troca de saber, etc. No segundo dia de aula pedimos então que eles nos colocassem como era a escola que eles tinham tido e como era a escola que eles queriam ter. Fizeram até uma representação do professor autoritário; que sabe tudo. Depois fizeram uma lista do que eles não queriam na escola e do que eles queriam. Foi um processo muito rico, a impressão que se tinha é que eles estavam entendendo a proposta de educação. No decorrer do mês, entretanto, isso foi retomado com muito menos frequência.

Isso aconteceu porque de repente a gente se deparou com um fato que realmente não se esperava: a gente teve que realfabetizar os monitores.

Dimas: O que você está chamando de realfabetizar?

Eloísa: O pessoal não estava ali só para aprender a ser monitor, na maioria, tiveram que reaprender a ler e escrever. Tinham aprendido há muito tempo atrás, com muitas deficiências e quase não praticavam.

Regina: E como foi que eles reaprenderam?

Eloísa: Eles passaram um mês em Rio Branco, tendo aulas de manhã e a tarde. Nós reproduzimos todas as etapas

Partimos de uma discussão do que significa a escola.

Um fato que não se esperava: a gente teve que realfabetizar os monitores.

da cartilha. Eles davam uma aula e nós outra, na segunda quinzena praticamente só eles davam aulas e nós só trabalhávamos com eles as dificuldades.

Tivemos que nos concentrar muito na técnica de leitura. Todos tinham sido alfabetizados pelo método alfabético, o do be-a-bá. Para eles saírem disso e entenderem o método silábico foi complicado.

Acho que no final do treinamento eles chegaram a dominar o ensino da leitura pelo método silábico e as dificuldades da língua. Mas o fato deles terem que ser realfabetizados tomou realmente muito tempo, passou tudo a girar em torno disso.

Regina: O que eu não consigo entender muito bem é como a pessoa, passando por todo o processo, sai sem ter dominado o sentido do método Paulo Freire. Eles aprenderam o método de um jeito tradicional?

Eloísa: Não, não acho que o treinamento tenha sido dado de maneira tradicional, há outras questões aí no meio. Por exemplo, os monitores que eram líderes de suas comunidades já tinham determinadas características dessa liderança muito marcadas. As comunidades se organizam na base do parentesco e o líder é meio um patriarca: é o cara que manda e não é contestado. Se essa relação autoritária era já presente nas relações diárias, não é coisa que se rompa facilmente dentro da escola.

Sonali: Eu compreendo. Não é num mês que se modificam comportamentos que são vívidos.

Eloísa: Outra questão foi que o pessoal mais jovem, sem muita prática política, sem prática de sindicato acabou entendendo as discussões de cada palavra como uma parte formal da aula. Aconteceu uma coisa interessante com uma monitora. A maioria das escolas tem duas turmas, ela acabou a aula com a turma dela e se deu conta que a outra ainda não tinha terminado. Ela achou que tinha que

Alguns entenderam a discussão de cada palavra como uma parte formal da aula.

aproveitar o tempo, já que a escola só funciona em fins de semana, e disse: "Bom, então vamos começar tudo de movo". Mostrou a figura para o pessoal e perguntou: "O que vocês estão vendo aqui?" "É a mata". "Então vamos discutir"... e começou tudo de novo. Esse acontecimento questionou muito o sentido do treinamento que a gente tinha feito.

Como o pessoal teve dificuldades em lidar com o caderno do monitor, nós acabamos fazendo umas fichinhas assim: 1º passo - apresentação da figura e discussão; 2º passo - o monitor apresenta a palavra; 3º passo - o monitor separa as sílabas e famílias, etc... Acho que isso acabou dando um grande peso para a automatização, o método acabou se transformando numa técnica mecânica.

Vamos ter que retomar uma discussão mais politica com os monitores. Acho também que devemos passar mais informações, colocar as experiências políticas deles num contexto maior. Como eles vivem muito isolados, são muito ávidos por informações. Por exemplo, tinha saído no jornal uma declaração do Nabor Júnior dizendo que o seringal nativo era inviável economicamente e que por isso o governo não tinha nenhuma política para favorecê-lo. A gente leu a notícia e explicou o que significava. O pessoal discutiu horrores e é por aí que a gente está pensando em encaminhar as coisas.

Vera: O pessoal de Vila Remo parece que faz uma coisa assim em reuniões de aprofundamento. Como é essa história?

Jurandir: Pois é, nós achamos muito importantes essas reuniões de aprofundamento. No ano passado, a gente estudou os partidos políticos desde Getúlio Vargas. O trabalho foi só entre os monitores, depois fomos passando para os alunos, de uma maneira mais diluída, no dia-a-dia, na apresentação das palavras. Foi uma experiência boa, inclusive comecei a me interessar por coisas que não sa-

Fazemos reuniões de aprofundamento entre os monitores, o ano passado a gente estudou os partidos políticos desde Getúlio Vargas

bia e não tinha onde achar essas informações.

Vera: E quem é que preparava isso?

Jurandir: Alguém do grupo mesmo. Tinha monitores com experiência em sindicato e eles preparavam essa discussão. Reuniam alguns textos e orientavam a discussão.

Xerife: A gente, que era monitor, muitas vezes não tinha o que levar para o alfabetizando, não tinha como encarar os alunos, foi daí que surgiu o aprofundamento. Alguns monitores são do clube de mães ou de outros trabalhos comunitários, mas tem gente que está chegando agora. Nem todos têm a mesma condição, por isso que é importante esse tipo de aprofundamento.

Yolanda: Uma preocupação que a gente tem é que os grupos tenham uma ligação estreita, na medida do possível, com a comunidade de base, com os movimentos populares da área. Eu acho que não dá para assimilar as coisas só faladas, a participação numa reunião, uma experiência de luta ajudam muito. Lá em São Miguel, por exemplo, acontece muita coisa, há muitas reuniões de grupos. A gente está sempre convidando os monitores e alfabetizando. Os monitores participam muito, os alfabetizando menos porque a dificuldade de se locomover e enfrentar o desconhecido é muito grande. Agora, me parece fundamental essa ligação, mesmo que seja através do monitor, entre o grupo de alfabetização e a comunidade que tem lá as suas reuniões, os seus problemas e suas lutas. Senão, acho que o grupo de alfabetização se transforma num gueto, até muito gostoso, onde a gente se reúne, faz amigos e daí? Aprendem a ler e escrever, ficam com algumas idéias no ar, mas o engajamento não se dá se eles não conhecem um grupo que tenha uma brecha para eles.

Jurandir: Eu acho importante não esquecer a questão da

*Os monitores
participam
dos movimentos
populares*

troca de conhecimentos. Tem muitas coisas que a gente aprende com os alunos e isso os motiva bastante. No caso da discussão da palavra tijolo, por exemplo, o monitor nem imaginava como se fabricava um tijolo e tinha alunos que eram especialistas em fazer tijolo.

Wilson: Acho interessante retomar a questão da participação dos monitores e alfabetizando nos movimentos populares. A nossa região ferve muito, realmente o pessoal participa e isso possibilita que a gente tenha bastante informação. É importante ter pessoas que possibilitem a discussão. Por exemplo, tem um rapaz que milita no sindicato e que leva discussões com monitores e com os alfabetizando, ele realmente traz subsídios para os monitores. Temos também a Francisca, que é militante dos movimentos populares e que visita as salas.

À medida que colocamos as palavras geradoras em discussão, vão sendo levantadas uma série de questões por parte dos alfabetizando e eles vão pedindo, vão exigindo mais informações. Se o monitor não tem um respaldo, não tem elementos para discutir, a coisa fica muito monótona.

Vera: O método Paulo Freire dá muita importância ao fato de alfabetizando descobrir o que já sabe, quer dizer, transformar aquilo que ele chama de consciência ingênua numa consciência crítica. Então, quando se pensa em círculo de cultura, se foca muito a discussão na realidade dos educandos. Eu acho isso bom, eles reconhecem as coisas que sabem com prazer. Mas eu acho que podemos ir mais longe, porque se a fabricação do tijolo e a vida no mar são novidades para nós, para eles não são. Além disso, para que eles possam compreender melhor a nossa sociedade, precisam de determinados dados que geralmente não têm e não teriam condições de ter. Por exemplo, o que foi o Decreto 2045, depois o 2064, 2065. Como é que se coloca esse tipo de informação que é de fora? Eles não têm condições de sozinhos entenderem o Decreto, nem

de larem no jornal, essa é uma coisa que tem que ser levada pelo monitor. Como passar isso? E como fazer a pessoa ligar essa informação que está vindo de fora com o resto das experiências dele?

Yolanda: Você fala que ele não lê jornal, mas vê televisão, então há a oportunidade de dizer: "Olha, isso que a gente está vendo na televisão hoje..."

Sérgio: Às vezes a gente quer que os alunos discutam coisas sem que tenham elementos para isso. Ler jornal é uma coisa difícil, mesmo a decodificação daquilo que eles escutam na televisão eu não sei como é. Muitas vezes o monitor tem mesmo esse papel de informar, para que eles tenham elementos para discutir.

Fátima: Temos um sindicalista que faz reuniões com a gente e que vai nas salas de aula quando os monitores solicitam. Uma vez ele foi conversar com os alunos sobre Fundo de Garantia e Caderneta de Poupança. Os alunos foram perguntando sobre as greves, sobre os Decretos, eles queriam saber tudo. Ele teve que marcar um outro dia para voltar com folhetos e explicar tudo. Agora, são os alunos que me contam o que saiu no jornal Nacional sobre os Decretos. Eles não entendiam nada do que ouviam na televisão e agora estão entendendo, discutindo as notícias na classe.

Regina: O Jurandir falou uma coisa importante. Essas formações são passadas dentro da dinâmica do próprio curso, não é que de repente você pare e faça um discurso sobre partidos políticos. A informação do monitor vai se acumulando e ele vai passando para os alunos no dia-a-dia. Essa diferenciação entre períodos de discurso e períodos de leitura e escrita, eu acho que não dá certo.

Eloísa: Formaliza muito a coisa... Agora nós vamos discu

Um sindicalista faz reuniões com a gente e vai nas salas de aula quando os monitores solicitam.

tir...Agora nós vamos ter aula...

Jurandir: Às vezes o pessoal da classe não quer discutir nada, o importante é pegar o momento significativo, quando eles têm motivação. Na época dos saques, um dia eu cheguei na classe e estavam todos comentando o caso. Eu entrei e eles pararam de comentar. Eu disse: "Vocês estão falando dos saques, eu vi também, então vamos falar." Foi uma discussão gostosa e a aula naquele dia foi só isso.

Às vezes o pessoal não quer discutir nada, o importante é pegar o momento significativo, quando ele tem motivação.

Marco: É o professor que vai decidir se agora é hora de aula ou de conscientização?

Dimás: Nós todos concordamos que é necessário evitar o formalismo. O monitor tem que saber aproveitar as oportunidades, evitar a separação beabá e discussão. Acho que é uma coisa bastante difícil, como se pode dar um passo nesse sentido?

Yolanda: Eu acho que na formação do monitor há um primeiro estágio que é o de aprender a seguir direitinho cada passo, ser um pouco fiel aquilo que tinha sido proposto: fazer uma discussão a respeito de cada palavra. Acho que é um momento até de certa exigência pessoal. Se a discussão não deu certo, vamos ver por que não deu e tentar de uma outra forma, mas vamos fazer outra vez. Não é com um pequeno treinamento que o monitor vai assimilar o espírito do método, às vezes é necessário um certo tempo até que ele compreenda o objetivo desse trabalho, para que esse trabalho entre na vida dele. Acho que só aí ele tem possibilidade de relativizar certas coisas e lidar com o método sem formalismo.

Na formação do monitor há um primeiro estágio que é o de aprender a seguir direitinho cada passo.

V. J.: A formação do monitor se dá mesmo na prática, ele aprende a ser monitor com o educando. É por isso que eu acho importante criar o máximo de espaços possíveis para que os monitores se encontrem, possam trocar experi

ências e pensar suas práticas de sala de aula.

RECOLOCANDO O SENTIDO DO CÍRCULO DE CULTURA

Marco: Lá na Paróquia Santa Cruz, onde a escola tem mais de vinte anos, tem muita gente que entra e sai. A gente não podia fazer uma pesquisa prévia sobre a realidade desses alunos, eles não queriam que a gente parasse muito, naquela ansiedade de querer ter aula. A gente foi fazendo a coisa meio improvisada. Só depois de um ano que eu estava lá é que começamos a elaborar um material didático com slides da própria escola. Isso motivou as discussões porque aquele negócio de "o caçador faz cultura" (referência as fichas de cultura propostas em Educação como Prática da Liberdade), não motivava de jeito nenhum.

Acho que o círculo de cultura tem um lado bom, ele quebra aquela coisa rígida da escola autoritária, a separação entre o professor e o aluno. Por outro lado, ele pode acabar esvaziando o conteúdo específico da alfabetização. Outro dia eu estava conversando sobre isso com um amigo que também trabalha com educação popular. Ele entrou para um cursinho de inglês porque estava precisando aprender inglês. Ficou de saco cheio porque ficavam passando audiovisuais sobre os Estados Unidos, a democracia... e ele só queria aprender a falar inglês. Acho que esse é um risco que a gente corre, é uma coisa para a gente pensar.

A gente acabou desenvolvendo dois aspectos, um foi como levar discussões que respondam às expectativas dos alunos, outro foi o desenvolvimento de atividades extra-classe. Sem descuidar do processo pedagógico, de acordo com o interesse dos alunos, levávamos para fazer palestras advogados trabalhistas, o pessoal da Associação de Empregadas Domésticas... Se deu até esse negócio de ligação da escola com os movimentos populares organizados. Tem uma moça da Associação de empregadas do

O círculo de cultura pode acabar esvaziando o conteúdo específico da alfabetização.

mêsticas, uma moça muito consciente, aguerrida, que batalha muito pela categoria e que foi aluna lá da escola. A gente ficou muito contente. "Pô, ela saiu daqui". A gente foi ver, o professor dela era o cara mais atrasado, mais autoritário da escola. E ela adorava ele, achava ele um barato. Eu fiquei pensando no sentido daquilo que estávamos fazendo, a gente coçou muito a cabeça por causa disso.

Era uma aluna muito consciente, batalhava pela categoria. Seu professor tinha sido o cara mais autoritário, e ela adorava ele.

Sérgio: Acho que esta metodologia do círculo de cultura e das discussões das palavras geradoras foi produzida num determinado momento histórico. O método Paulo Freire tem que ser entendido no contexto em que foi produzido, tentar reproduzir a metodologia proposta em Educação como Prática da Liberdade não é adequado para o nosso momento. O próprio Paulo Freire pensava bastante diferente do que pensa hoje, modificou seu método com sua própria prática de vida... No meu modo de ver, o formalismo do método que propõe um momento de círculo de cultura e um momento de ação posterior diz respeito ao seu pensamento naquela época. Inclusive, ele foi acusado de ser um idealista, como se ele fosse construir cabeças, ser quase um formador de cabeças, para que depois os educandos, já conscientizados pudessem atuar no movimento popular. Essa era a visão em relação à educação proposta naquela época; a visão de que alguns elementos mais esclarecidos iriam conscientizar o povo para que, então, o povo pudesse participar dos movimentos sociais e transformar a sociedade. Era como se a cabeça das pessoas se fizesse no círculo de cultura e não na sua prática de vida, sua inserção nos movimentos sociais.

Era como se a cabeça das pessoas se fizesse no círculo de cultura e não na sua prática de vida, sua inserção nos movimentos sociais.

Eu acho que o Paulo Freire evoluiu muito nesse aspecto, atualmente ele tem dito isso em seus livros. Em suas cartas aos animadores de São Tomé e Príncipe que saíram n' A Questão Política da Educação Popular, ele diz isso claramente. Às vezes mais importante que estar na sala de aula é estar no roçado com o pessoal, em outros momentos é mais importante estar lendo e es-

crevendo. A relação entre o movimento social e o ato de alfabetizar é mais dinâmica, me parece que a solução é esta sensibilidade para perceber qual é o momento de estar escrevendo, qual é o momento de estar discutindo e qual é o momento de estar inserido no movimento social.

Para mim, o importante é que a discussão parta das questões concretas da vida e da inserção dos educandos nos movimentos sociais. A Irmã Yolanda já colocou esta questão, não dá para separar a escola do contexto social mais amplo. A escola, no meu modo de ver, tem que falar da vida, daquilo que aconteceu no fim de semana; é a partir disso que a conscientização vai se dar. A gente deve ser um despertador ou um apoio para essa discussão. Por outro lado, a leitura que esses grupos fazem dos movimentos sociais, dos saques, por exemplo, pode ser uma leitura diferenciada daquela que a gente faz através dos jornais. Essa leitura diferenciada também pode ser apoio para nossa reflexão.

Para nós não existe um momento onde caiba a reflexão antes da prática. Muitas vezes, o espaço de discussão não é a sala de aula. Foi o que aconteceu no seringal: o espaço de discussão da palavra geradora sindicato é o próprio sindicato e não a escola. Fazer que eles discutam sobre esta palavra no círculo de cultura é dramatizar uma discussão que já se deu no sindicato, não tem sentido.

Na Poronga nós deixamos essas coisas muito estanques e eu acho isso muito ruim, pode até prejudicar o processo. Temos visto várias experiências em que isso tem sido motivo de evasão. Como o método propõe que se discutam todas as palavras, as discussões acabam sendo impostas, o aluno fala "Bon, essa escola tem muita falação e pouco trabalho" e acaba caindo fora.

Wilson: Acho que não se pode generalizar isso, muitas vezes os educandos querem discutir, eles até cobram isso.

Regina: O que eu acho que se pode generalizar que o formalismo é sempre lamentável para qualquer grupo.

Wilson: Claro, se tem uma palavra que o pessoal não quer discutir, não discutimos. Tem um outro detalhe, muitas vezes as palavras geradoras são importantes no momento em que foram escolhidas mas no decorrer das aulas os alunos já não se interessam mais.

Jurandir: Lá na Vila Remo tem uma coisa diferente. Uma vez por mês a gente faz uma discussão a nível de bairro, para toda a comunidade. Cada vez é um tema e no final você escreve o tema que gostaria de discutir no mês seguinte. Quando os alunos pedem uma discussão e eu vejo que não vai dar para discutir dentro da sala de aula, eu digo aos alunos para irem a esta reunião do bairro. É uma saída.

POR ONDE PASSA O INTERESSE DO ALUNO

Carmem: Tem uma outra questão que eu gostaria de colocar. Eu estou vendo que a maioria das palavras geradoras são relativas ao trabalho, aos movimentos sociais, às questões mais "políticas". Parece que a gente não se preocupa muito com o outro lado, o das questões mais pessoais, mais afetivas. Por exemplo, não se colocam questões quanto às relações em casa, aos papéis sociais. Acho que essas coisas têm uma dimensão política muito interessante e poucas vezes ouço comentar que isso aparece na aula. Não aparece ou não tem espaço?

A maioria das palavras geradoras são relativas às questões "políticas", parece que a gente não se preocupa com questões mais pessoais.

Eloísa: A gente pensa essas coisas de um jeito muito fragmentado. Acha que isso é político, isso é econômico, isso é não sei mais o quê. Para os trabalhadores, política é a vida deles, eles enxergam suas vidas de uma maneira mais inteira, menos fragmentada.

Carmem: É para isto que eu estou chamando a atenção. A-cho que nossa compreensão é fragmentada quando privilegi-amos alguns temas e não outros.

Fátima: Isso é um problema principalmente em classes he-terogêneas. Nas nossas classes, a faixa de idade varia dos doze aos cinquenta anos. O pessoal mais jovem quer discutir coisas como sexo, maconha e cachaça. Daí surge conflito na classe porque os mais velhos não querem con-versar sobre isso. O que a gente tem feito é chamar os mais jovens e discutir esses assuntos com eles em separa-do.

Carmem: A resistência não é só dos mais velhos, que mui-tas vezes não são tão velhos assim. As diferentes reli-giões também interferem aí, muitos crentes não admitem determinados assuntos, têm uns que até saem da sala.

Yolanda: Num dos nossos grupos, lá em Vila Cisneros, a gen-te convidou uma médica para conversar sobre saúde em ge-ral. Então a partir do pessoal-mesmo, apareceu a ques-tão da sexualidade. Parece que caiu o tabu, foi uma conversa boa, mas foi suscitada pela presença de uma pes-soa estranha. Eles colocaram questões incríveis de for-mação mesmo, adultos, casados, mulheres e homens. Pare-ce que o fato de estarem com uma médica, uma moça nova deu a eles respaldo para colocarem esse tipo de problema.

Wilson: Eu gostaria de colocar a experiência do nosso grupo a este respeito. A gente tem discutido a questão de que o monitor é uma pessoa que está lá para ensinar e aprender. De repente, aparecem educandos que querem mui-to falar de seus problemas, isso é uma dificuldade para o monitor, ele tem que ser educador, psicólogo, assisten-te social, tudo isso fica difícil, à medida que ele está também num processo de compreensão do próprio método. A gente discutia isso nas reuniões e resolvemos entrar

O pessoal
mais jovem
quer discutir
sexo,
maconha e
cachaça.

De repente,
o monitor tem
que ser
educador,
psicólogo,
assistente
social...

em contato com um grupo de psicologia da OSEC, uma universidade que fica lá no bairro. Mas esse grupo não correspondeu às nossas expectativas; os monitores eram pessoas simples, pessoas da comunidade que estavam num processo de formação e o grupo de Psicologia trouxe uma estrutura e um linguajar muito intelectualizado. A gente acabou colocando para esse pessoal que não seria mais possível a participação deles. A gente continua trabalhando do nosso jeito: "Dona Maria está com um problema sério, vamos sentar e bater um papo com ela. A gente procura estar ao lado, sem assistencialismo, sem paternalismo, mas realmente não sei se é por aí.

Jurandir: Outro dia, numa classe nossa, uma aluna estava muito perturbada com uns crimes que aconteceram perto da casa dela por causa de uma vizinha que traía o marido. A gente começou a conversar sobre isso e os outros casos parecidos. Ela partiu do caso da vizinha e começou a pensar no caso mais geral.

Carmem: Lá na Rocinha, num encontro de monitores, eu estava aflita para discutir a Matemática e eles fizeram questão de discutir os casos de paquera entre professores e alunos.

Marco: No nosso trabalho de palavras geradas pelos próprios alunos, as palavras que eles mais sugeriam eram namoro, amor. Outra coisa interessante que a gente percebeu foi que os alunos conquistaram a escola como um espaço de lazer. Durante a aula fica aquele burburinho, aquela falação, às vezes até o monitor tem que pedir para parar com o barulho mas não para não, as pessoas se levantam, andam, a gente sente no clima que aquele é um espaço que eles conquistaram.

*As palavras
que os alunos
mais sugeriam
era namoro,
amor.*

Sérgio: A gente tem o costume de achar que as coisas importantes são aquelas que ultrapassam o limite do pessoal. Não podemos esquecer que há um grande valor

Hã um grande valor nesse espaço social da escola: espaço de encontro, de troca, de papárico.

nesse espaço social da escola: espaço de encontro, de troca, de papárico. Esse espaço dá segurança, permite a desinibição e a individualização, e é só a partir de uma vivência de confiança que se inicia um processo político maior.

Vera: Nesse sentido, acho inclusive que a escola pode ser um ensaio do que a gente espera que seja a sociedade como um todo: uma sociedade onde as pessoas, se identifiquem, tenham voz. A gente tem que tomar cuidado para que não fique como uma experiência isolada, mas se dentro da sala de aula eles têm uma alternativa de relacionamento social, conseguem discutir, decidir e se organizar, isso pode ser um exercício para a atuação deles lá fora, no social mais amplo.

Yolanda: Eu concordo com isso de que a escola pode ser um ensaio de relacionamento, mas não podemos nos contentar com isso, a gente tem que ir além para que esse mundo mude. Não adianta a gente fazer do grupo de alfabetização uma família e deixar que os outros se arrebenhem por aí. Acho que devemos trabalhar para que os alfabetizandos participem das questões mais amplas. Agora, eu sinto uma resistência muito grande dos alfabetizandos em participar de outros grupos já organizados do movimento popular. Geralmente eles quase não saem de casa, têm medo de pegar ônibus. Uma vez eu quis levar alguns dos alfabetizandos numa reunião de desempregados lá mesmo em São Miguel e eles acharam que ir até lá seria muita complicação. Eu tenho a impressão de que aqui na cidade o espaço de participação dos alfabetizandos é um pouco restrito. No campo, como há mais analfabetos, aquele que aprende a ler e escrever já adquire uma liderança. Na cidade, os analfabetos são muito mais marginalizados e quando aprendem a ler continuam marginalizados por aqueles que têm um pouco mais de escolaridade.

Nesse sentido é que eu acho importante que os

Não adianta a gente fazer do grupo de alfabetização uma família e deixar que os outros se arrebenhem por aí. Devemos trabalhar para que os educandos participem das questões mais amplas.

monitores participem dos movimentos populares, porque eles podem trazer para o grupo informações sobre o que está acontecendo, e informações mais calorosas. Se algum alfabetizando participa, também pode trazer informação. Acho que dessa forma o grupo pode ir abrindo o seu espaço. Eu me lembro de que uma vez, quando o bairro estava reivindicando a canalização de um córrego, uma parte do grupo de alfabetização fez um panfletinho. Levou uma semana inteira entre discutir e escrever, uma coisinha pequena, convidando o pessoal a participar, uma coisinha pequena mas que é uma ligação com o movimento maior de luta.

2. Palavras geradoras e dificuldades da língua

O método de Paulo Freire enfatiza que as palavras geradoras, a partir das quais se dará a alfabetização, devem fazer parte do universo vocabular dos educandos e representar aspectos significativos de sua realidade social, cultural e política. A este critério ele cruza outros dois: o conjunto das palavras deve conter o máximo de possibilidades silábicas de nossa língua organizadas de forma que, de início, se apresentem as sílabas mais simples e paulatinamente, se introduzam as dificuldades; por outro lado, cada palavra deve conter famílias silábicas que permitam recombinações variadas, enriquecendo o processo de geração de novas palavras.

Para iniciarmos a reflexão sobre como os diversos grupos têm enfrentado esta questão, expusemos um quadro de todas as possibilidades silábicas da língua portuguesa. Ao final da exposição, surgiram os comentários "Por que é que a gente não muda a língua?" "A gente tem a impressão, quando alfabetiza, que está ensinando uma língua estrangeira". Realmente, são inúmeras as dificuldades que se apresentam para o aprendizado: nem sempre pronunciamos como grafamos, um mesmo som pode ser representado por grafias diferentes, às vezes o som depende da posição da letra na palavra, nem todas as sílabas seguem o padrão consoante + vogal.

Alguns grupos colocaram questões referentes à seleção e organização das palavras geradoras. Outros colocaram uma experiência alternativa que dispensa essa seleção e organização prévias, já que as palavras são escolhidas pelos próprios alfabetizando no momento da aula; a estas chamaram palavras geradas.

Em seguida, os grupos fizeram um levantamento das dificuldades que mais comumente os alfabetizando apresentam e como elas têm sido enfrentadas.

Reproduzimos antes da discussão o quadro silábico que utilizamos e as listas de palavras geradoras utilizadas por cada experiência.

FAMÍLIAS SILÁBICAS

SIMPLES	ba	be	bi	bo	bu	CASOS DO R	ra	re	ri	ro	ru	
	da	de	di	do	du					rádio		
	fa	fe	fi	fo	fu			ra	re	ri	ro	ru
	ja	je	ji	jo	ju					salário		
	ma	me	mi	mo	mu			rra	rre	rri	rro	rru
	la	le	li	lo	lu					terra		
	na	ne	ni	no	nu			ra	re	ri	ro	ru
	pa	pe	pi	po	pu					honra		
	va	ve	vi	vo	vu							
	ta	te	ti	to	tu							
za	ze	zi	zo	zu								
DÍGRAFOS	lha	lhe	lhi	lho	lhu	ACRÉSCIMOS	l	-	alto			
	nha	nhe	nhi	nho	nhu		r	-	carta			
	cha	che	chi	cho	chu		s	-	poste			
VOCAIS	a	e	i	o	u		m	-	samba			
	ão						n	-	sindicato			
INCOMPLETAS	ca			co	cu		z	-	capaz			
		que	qui				x	-	texto			
	qua			quo			INTERCALARES	r	-	febre		
	ca			co	cu			l	-	placa		
		ce	ci					CASOS DO X	x	som de ks	-	sexo
	ga			go	gu	s	-		máximo			
	gue	gui			z	-	exe. to					
CASOS DO S		ge	gi			ch	-	lixo				
	sa	se	si	so	su	Obs: As famílias que aparecem grifadas representam sons que podem ter mais de uma grafia.						
			semana									
	sa	se	si	so	su							
		casa										
	ssa	sse	ssi	ssu								
			peessoa									
	sa	se	si	so	su							
			ensino									

PALAVRAS GERADORAS

Grupo de Alfabetização Popular São José

favela
comida
remédio
telefone
salário
escola
parede
lixo
segurança
cachaça
igreja
trabalho
vizinho
cigarro

Centro Comunitário de Vila Remo

vila
tijolo
comida
fome
salário
operário
comunidade
escola
trabalho
segurança
dinheiro

CEPIS

panela
tijolo
gado
menino
velhice
lixo
farinha
remédio
barraco
casamento
salário
assinar
cachaça
contrato
classe
gente

Projeto Cultural de Ibirité

tijolo
vida
comida
chuva
enxada
horta
comunidade
salário
terra
Ibirité

Minas Novas (Acesita)

tijolo
machado
posse
voto
saúde
enxada
Zara
burro
trabalho
grana
pequi
blocos
horário
garimpo
roça
Acesita
água
farinha
Geraldo

veneno
enxada
cinza
mulher
truque
horário
machado
posse
tijolo
burro
rádio
farinha
carroça
água
mármita
saúde
blusa
garimpo
voto
Geraldo

Santa Fé - Rio Doce

botina
capacete
lagoa
relógio
tesoura
máquina
chapéu
enxada
carreiro
motosserra

machado
futebol
queijo
lâmpada
bicicleta
plana
feijão
plantação
escritório
açougue
armazém

Projeto Seringueiro - Poronça

mata
pato
paca
comida
morada
jirau
jarina
rede
barracão
corte
borracha
cooperativa

empate
sindicato
posse
escola
caça
farinha
querosene
febre
paxiúba
trabalho
riqueza
governo
seringueiro